

COADJUVANTES

Futebol Clube

DENISE NUNES, GLAUCIA MARQUES, PAULO CARDOSO E VANY PAIVA

Brasil, terra do futebol. Em meio a CPLs, calendários desorganizados, dirigentes corruptos e clubes falidos, o esporte mais popular do planeta ainda é considerado pelos brasileiros como um atalho para a fama. Nomes como Ronaldinho, Romário e Edilson servem de exemplo para milhares de pessoas que sonham encher os estádios de alegria e as contas bancárias de dinheiro.

A realidade, no entanto, é outra. Em 1994, ano em que a Seleção Brasileira conquistou o tetra mundial, cerca de 90% dos 16.170 jogadores registrados na Confederação Brasileira de Futebol (CBF) recebiam de um a cinco salários mínimos por mês. Apenas 485 privilegiados (3% do total) ganhavam mais de dez salários mínimos. Longe de ser um campo de astros, o futebol é, antes de tudo, uma várzea lotada de coadjuvantes.

Aliás, fama no futebol é uma faca de dois gumes. Alguns brasileiros, pouco ou nada conhecidos por aqui, são estrelas no futebol internacional. Alcindo é um bom exemplo. Revelado pelo Flamengo em meados da década



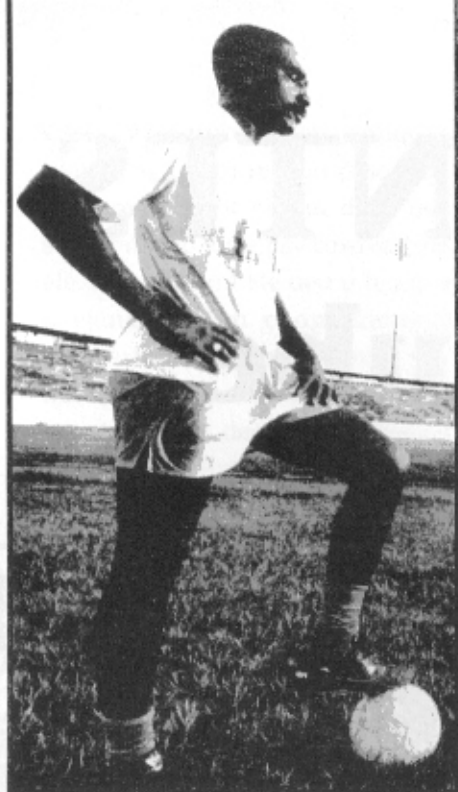
de 80, o ponta-direita que andou por clubes como São Paulo, Botafogo e Grêmio, chamava mais atenção pela ausência de cabelos que pelo belo futebol. Apesar de rápido e oportunista, Alcindo não encontrou espaço no Brasil e foi jogar no Japão. Na terra do Sol nascente, o brasileiro viu nascer também a oportunidade de ser um ídolo. No Kashima Antlers, no Verdy Kawasaki e no Toshiba, Alcindo fez tanto sucesso que virou até boneco, além de ser apontado como símbolo sexual entre as japonesas.

A mesma caixinha de surpresas fez de Anderson Souza, o Deco, um dos maiores nomes do futebol português. Desconhecido por aqui, é

chamado de "Rivaldo das Antas" por lá. O jogador é um dos artilheiros da equipe e na temporada 99/2000, foi eleito o melhor do time pelos torcedores. Vale dizer que o "das Antas" não é pejorativo, apenas é uma referência ao estádio do Futebol Clube do Porto, pelo qual Deco atua.

Enquanto uns precisaram ir para o exterior para estourar, outros ficaram por aqui mesmo e saíram do banco de reservas para garantir um lugar de honra nos debates regados a cerveja nas quatro esquinas do mundo futebolístico.

Os torcedores do Flamengo podem até não lembrar, mas vascaínos, tricolores e botafoguenses



Josimar: de jogador talentoso à maldito

jamais vão esquecer de Anapolina. Numa partida em Petrópolis, o desconhecido jogador fez o gol que sepultou as chances do rubro-negro levantar o tetracampeonato estadual em 80. Seis anos depois, o Brasil e o mundo se encantaram com o belo futebol de Josimar, na Copa do México. O lateral-direito parecia ter estrela e não era por jogar no Botafogo. Por causa da desistência de Leandro e a contusão do titular Édson, Josimar foi escalado na seleção. Fez dois belos gols na competição, contra a Polônia e a Irlanda do Norte, e quando parecia decolar para a fama, perdeu a dividida para as drogas e o álcool. Sumiu.

Gols inesquecíveis também fizeram outros boleiros saírem da vida de ostracismo para entrar na história. Em 1988, Flamengo e Vasco decidiam o título estadual no Rio de Janeiro. O segundo jogo da final caminhava para um empate que daria o campeonato

aos vascaínos. Foi quando o lateral-direito Cocada saiu do banco para estufar a rede do Fla e garantir a ida do caneco para São Januário. Depois de levantar a taxa de glicose dos flamenguistas e provocar uma tremenda dor de cabeça na maior torcida do Brasil, o jogador com nome de doce típico da Bahia atuou aqui e ali, sem conseguir se firmar. Ficou mais conhecido pelo parentesco com um outro jogador, mais talentoso e famoso: Cocada é irmão do atacante Müller, ex-São Paulo e São Caetano.

Estréia de Bebeto, festa de Bujica

No ano seguinte, foi a vez do garoto Bujica roubar a cena. Novamente, num Flamengo e Vasco. Os dois times se enfrentavam pelo Campeonato Brasileiro. Além da rivalidade habitual, o jogo marcava a estréia de Bebeto, ex-ídolo rubro-negro, no arqui-rival. A equipe cruz-maltina, com craques como Tita, Mazinho, Bismarck e o próprio Bebeto, era apontada como favorita absoluta para a partida. Todos sabiam disso. Menos Bujica, que com dois gols, decidiu o jogo para o Flamengo e ganhou o apelido de "Caçador de Marajás", assim como um certo "pollítico" que fazia sucesso na época.

Na listinha de coadjuvantes que tiveram seus noventa minutos de fama, não poderia faltar o nome de Tupãzinho. Jogador de muita disposição e oportunista na grande área, ficou conhecido como o "talismã" do Corinthians em 1990, quando o alvi-negro do Parque São Jorge conquistou seu primeiro título brasileiro. O jogo estava

complicado para o lado corinthiano? "Bota o Tupãzinho que ele resolve"- dizia a Fiel. E resolvia mesmo. Resolveu até a partida decisiva do Brasileirão, contra o São Paulo. O meia nunca se firmou como titular e depois de uma boa passagem pelo América-MG, também saiu dos refletores do estádio. Ou dos holofotes da mídia, se preferir.

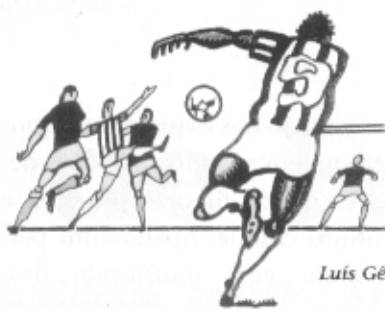
Pior do que ser "centroavante" das atenções num dia e anônimo no outro, é ficar longe até do banco de reservas. Dizem as más línguas que "a posição de goleiro é tão ingrata que onde ele joga nem grama nasce", qual não deve ser o suplício do terceiro goleiro. Ou você já ouviu falar em Zé Romário e Doni? Não? Pois eles são, respectivamente, a opção número três da camisa um de Flamengo e Corinthians, as duas maiores torcidas do país. Rogério Ceni, considerado um dos maiores goleiros do país, chegou a ser a terceiro goleiro do São Paulo, na época em que o tri-



Deco: do anonimato no Brasil para a fama em Portugal

color paulista contava também com Gilmar e Zetti no elenco.

Ser goleiro, tudo bem. Ser terceiro goleiro é circunstancial. Mas, e ser quarto juiz? A vantagem é antes de tudo para a mãe do sujeito, já que existem três outras mães na frente da fila para serem execradas pelos torcedores: a do juiz principal e a dos dois bandeirinhas. Além de cuidar da súmula, vigiar os bancos reservas e levantar a placa com o tempo dos acréscimos, o quarto árbitro pode até ter seus momentos de fama. Que o diga Marcos Alberto Furlan Teixeira. Palmeiras x Sport Recife jogavam em São Paulo, pelo Campeonato Brasileiro de 2001, quando Marcos fez presença, substituindo um dos bandeirinhas da partida, que havia torcido o joelho correndo pela lateral do campo. A entrada em campo foi



triumfal, com direito a entrevistas e até sinal da cruz na hora de pisar no gramado...

O gramado, aliás, é o espaço perfeito para saber quem é ou não coadjuvante. Do bom futebol. Enquanto alguns times grandes caem pela tabela no Brasileirão, o São Caetano dá mostras de ser o novo Davi do futebol brasileiro. Em 2000, o Azulão fez uso da mirabolante fórmula da Copa João Havelange e saiu da Segunda Divisão para conquistar o vice-campeonato na elite. Em 2001, o clube fundado em 4 de dezembro de 1989 continuou roubando a festa e apresentou um

futebol de deixar o Felipão babando no agasalho esportivo, disputando, mais uma vez, o título nacional.

Enquanto os jogadores suam a camisa, fica a pergunta: quem lava? A resposta está literalmente nas mãos de um personagem presente em qualquer agremiação: o roupeiro. Talvez, num clube, o roupeiro seja a profissão que mais se assemelhe ao torcedor: afinal, é ele quem cuida com carinho da camisa do time. E do meião, do short, da chuteira, da caneleira... Conhecem como ninguém os atletas e o dia a dia dos clubes. Infelizmente, quase ninguém lembra deles na hora em que a bola está rolando. E quando um fica realmente famoso, ninguém lembra que foi roupeiro. É o caso de Neném Prancha, ex-roupeiro do Botafogo e filósofo do futebol nas

ESTRELATO ÀS AVESSAS

A eleição para pior time do mundo já tem um vencedor. Ou melhor, um perdedor. E acreditem, não é a Seleção Brasileira. O dono do título, que cá entre nós não é tão cobiçado pelos torcedores, é pernambucano.

Fundado em 15 de novembro de 1938, o Íbis Sport Clube foi criado por operários da Tecelagem de Seda e Algodão de Pernambuco. O nome foi escolhido em homenagem a um pássaro preto, de origem africana, que era considerado sagrado em algumas regiões do Antigo Egito. Com a morte do proprietário da empresa, os herdeiros da tecelagem não quiseram manter o time. Quem evitou que o "Pássaro Preto" fizesse o "canto do cisne" foi o gerente da firma, Onildo Ramos, que assumiu o comando do clube.

É em 1979 que o Íbis começa a despontar para o estrelato (às avessas, claro). A equipe rubro-negra

disputava o Campeonato Pernambucano e, ao final da competição, tinha um aproveitamento de cem por cento em seus jogos. A favor dos adversários... A campanha mostrava números impressionantemente ruins: em doze jogos disputados, doze derrotas; 51 gols contra e apenas um a favor (acredite se quiser, marcado contra pelo zagueiro Cícero, do Sport, na goleada de 8 x 1). A equipe foi além e, entre empates e vareios de bola, ficou 23 jogos seguidos sem vencer. A imprensa esportiva pernambucana começou a chamar o clube de "Pior Time do Mundo" e o apelido pegou. O Íbis se transformou no símbolo das derrotas incessantes e assim, ficou conhecido nacional e internacionalmente. Até no mundo da bola vale a máxima: "é preferível reinar no inferno, que servir no céu".





Cruyff: de gandula a maior craque do futebol holandês

horas vagas, autor de frases célebres como "se concentração ganhasse jogo, time do presídio não perdia uma" ou "pênalti é tão importante, que deveria ser batido pelo presidente do clube". Bom, com a cartolagem que anda solta por aí, Neném Prancha que me perdoe, mas seria uma tremenda bola fora dar tal cartaz para os dirigentes...

Gandulas ganham destaque com futebol força

Falando em bola fora, enquanto os torcedores descobrem novos palavrões para xingar o jogador que isolou a redonda e errou o gol, um coadjuvante do futebol tem no chutão seu momento de glória. Talvez sejam eles os únicos em todo planeta que não sentem falta do futebol-arte. Sim, porque com a

proliferação dos esquemas de quatro zagueiros, cinco cabeças-de-bagre (ou de área, tanto faz) e nenhum craque, apenas um personagem vem ganhando destaque: o gandula. A cada bola fora, o ritual se repete. Lá vai o gandula, sempre discreto correndo atrás dela. Na lateral ou atrás do gol, sempre alerta. Raramente um gandula aparece na mídia. Exceção ocorrida com Sonja, em 1988. Na derrota de 3 x 0 do Botafogo para o Vasco, no Campeonato Brasileiro daquele ano, a pequena gandula do Maracanã chorou copiosamente na beira do grama-do, entristecida pelo desempenho do time. Ganhou as páginas do jornal e da história do Glorioso. Outro famoso gandulinha foi o craque Johann Cruyiff. Quase ninguém sabe, mas o maior

jogador holandês da história começou como gandula no Ajax. Enquanto a mãe, que era faxineira do clube, trabalhava, o pequeno Cruyiff devolvia a redondinha aos jogadores.

A denominação gandula, aliás, tem uma origem curiosa. No final dos anos 30, o atacante argentino Bernardo Gandulla, teve rápida passagem pelo Vasco da Gama. Não era um craque renomado, mas tinha um hábito característico: sempre que a bola saía de campo, Gandulla, humildemente, ia buscá-la. Mesmo que o lance não favorecesse sua equipe. Os torcedores começaram a chamar todos os garotos que buscavam as pelotas para atirá-las de volta ao campo pelo nome do jogador. Prova de que o mundo e a bola dão muitas voltas.



A VOZ DA FAMA

Ele é a voz que todos escutam e o rosto que poucos conhecem. Do alto da cabine, anuncia com firmeza: "A Suderj informa". Ele é o capixaba Vitório Gutemberg, locutor oficial do Maracanã e testemunha ocular de todos os jogos do estádio desde 1961. O convite para ser o dono do microfone do maior estádio do mundo foi por acaso...

- Trabalhava na rádio Mayrink Veiga, a mais ouvida do Rio de Janeiro na época. Um colega meu chamado Fernando César, que trabalhava comigo lá é que era o locutor do estádio - conta Vitório. Como ele ia casar, pediu que eu ficasse aqui durante a lua-de-mel. Além de ser locutor em dois lugares, ele era bancário e passava quase o dia todo fora de casa. A mulher dele bronqueou e fui ficando...



Vitório é, o que se pode dizer, 50% famoso. Sua voz é conhecida por todos os frequentadores do estádio, mas ele consegue passar no meio da torcida sem ser incomodado...

- Sinceramente, graças a Deus não sou reconhecido - diz ele com humildade. Em 2000, por causa dos 50 anos do Maracanã, algumas TVs me entrevistaram e para mim foi um inferno as pessoas me reconhecendo nas ruas... Não gosto disso. Prefiro andar por aí bem simples, anonimamente.

Ah, se todo jogador de futebol fosse assim...